

INSERÇÃO DA JUVENTUDE EGRESSA DO ENSINO MÉDIO NO CONTEXTO NEOLIBERAL

INSERTION OF YOUTH GRADUATING HIGH SCHOOL IN THE NEOLIBERAL CONTEXT

Maria Clara Pereira dos Santos¹

Resumo: O artigo examina as influências do neoliberalismo na trajetória de jovens egressos do Ensino Médio de um colégio estadual no norte fluminense do Rio de Janeiro, buscando identificar os caminhos percorridos após um ano de formação. Caracteriza-se por um estudo de caso, de caráter qualitativo, que utilizou coleta de dados, revisão na literatura e a entrevista semiestruturada. Encontrou-se, assim, jovens de classes baixa e majoritariamente negros. A influência do neoliberalismo perpassa a subjetividade, uma vez que se responsabilizam pela formação recebida, atribuindo o sucesso ou o fracasso a si próprios. No que se refere às trajetórias, a maioria se encontra no mercado de trabalho sob condições precárias, além disso, poucos acessaram o ensino superior público. O que contribuiu para refletir acerca dos papéis sociais destinados a determinados perfis de juventude. O que sugere a constante defesa de uma educação que proporcione emancipação e melhor inserção social da juventude na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Juventude. Educação. Trabalho. Ensino Médio. Neoliberalismo.

Abstract: The article examines the influences of neoliberalism on the trajectory of young high school graduates from a state school in the north of Rio de Janeiro, seeking to identify the paths taken after a year of training. It is characterized by a case study, of a qualitative nature, which used data collection, literature review and semi-structured interview. Thus, young people from lower classes and mostly black were found. The influence of neoliberalism permeates subjectivity, since they take responsibility for the training received, attributing success or failure to themselves. With regard to trajectories, most are in the labor market under precarious conditions, in addition, few have accessed public higher education. This contributed to reflect on the social roles assigned to certain youth profiles, which suggests the constant defense of an education that provides emancipation and better social insertion of youth in contemporary society.

Keywords: Youth. Education. Job. High school. Neoliberalism.

1 Doutoranda em Sociologia (pela UFMG), Mestre em Sociologia Política (pela UENF), Licenciatura em Ciências Sociais (pela UFF), Belo Horizonte, Minas Gérias, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8336718066008714>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0121-4057>. E-mail: mclaraop@gmail.com

Introdução

O neoliberalismo vem implementando de maneira decisiva as políticas sociais e, em particular, as políticas educacionais no país. Nesse sentido, é notável sua influência diante das distintas concepções e correntes políticas nos sistemas educacionais. A posição do ensino médio no sistema educacional brasileiro, como etapa de transição da educação básica para a superior, sempre colocou esse nível de ensino diante de disputas ideológicas em termos da sua finalidade e propósitos.

A dualidade entre a garantia de formação propedêutica e profissional é marca própria do ensino médio. Tendo como referência a política educacional do Ensino Médio que, como em todo o Brasil, também é oferecida para a juventude do Estado do Rio de Janeiro, apreende-se dessa política intencionalidades totalmente conectadas com o projeto neoliberal global.

Dessa forma, o presente trabalho aponta alguns resultados de uma pesquisa mais ampla¹ que buscou responder como o neoliberalismo influencia na trajetória de jovens egressos do Ensino Médio, de um Colégio Estadual de Campos dos Goytacazes/RJ, após um ano de formação? Partindo deste problema, os objetivos foram traçar o perfil socioeconômico e cultural dos egressos do Ensino Médio, bem como analisar a inserção educacional e no mercado de trabalho dos egressos do Ensino Médio. Além disso, ocupou-se de analisar as influências do neoliberalismo no Ensino Médio a partir do Colégio escolhido, bem como as subjetividades dos discentes, levando em consideração o contexto social e pandêmico da conjuntura do país.

Portanto, trata-se de uma investigação de natureza empírica, do tipo básica. Quanto aos objetivos, ela se caracteriza como exploratória, do tipo estudo de caso, tendo como campo de investigação os egressos do Ensino Médio de um Colégio Estadual do Município de Campos dos Goytacazes/RJ. Considerando a abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa com uma combinação de variados procedimentos metodológicos, como uma revisão bibliográfica na literatura e entrevistas. A população selecionada para a entrevista foram os egressos do Ensino Médio de um Colégio Estadual de Campos dos Goytacazes/RJ, com 1 (um) ano de conclusão, em média.

Dentre aproximadamente 70 egressos, distribuídos por quatro turmas, foi selecionada uma amostra inicial de 23 (vinte e três) jovens. A entrevista foi agendada com os 23 (vinte e três) egressos da amostra selecionada. Todos concordaram em participar, mas destes apenas 14 (quatorze) concluíram a entrevista, sendo que 9 (nove) desistiram de participar, alguns nem chegaram a iniciar e outros não deram continuidade, mesmo com a insistência da pesquisadora. Esses egressos foram estimulados a responder, a partir de um roteiro semiestruturado, sobre a formação recebida e de que maneira ela contribuiu para a sua inserção social, quer seja na área educacional (continuação dos estudos) e/ou no mercado de trabalho, bem como outras trajetórias.

As entrevistas foram realizadas durante um período de quatro meses, de setembro a dezembro do ano de 2020. O tempo para a realização das mesmas variou bastante conforme a disponibilidade do entrevistado. Isso porque, considerando o cenário pandêmico do mundo pelo Coronavírus, onde o distanciamento social era uma das medidas para minimizar o contágio da Sars-Cov-2, Covid-19, a entrevista foi realizada a distância, utilizando a tecnologia de informação e comunicação (TIC) que o público seleciona-

1 Trabalho de Dissertação defendido no ano de 2022 no PPGSP/UENF: SANTOS, Maria. O neoliberalismo e a política educacional do Ensino Médio: Estudo de caso de egressos de um colégio do município de Campos dos Goytacazes/RJ. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, p. 113. 2022. Disponível em: <<https://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2022/09/Dissertacao-Maria-Clara-Pereira-Versao-Final-com-ficha-e-ata-assinada.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2023.

do para a pesquisa tinha mais condições de acesso, o aplicativo de conversas *WhatsApp*.

Todas as entrevistas foram transcritas da forma como foram pronunciadas pelos entrevistados, tanto as respostas escritas quanto os áudios. Em seguida, foram agrupadas conforme os eixos: perfil socioeconômico, ensino médio e vida profissional, para facilitar as análises, as comparações, os cruzamentos de dados e o confronto com a revisão da literatura e legislação. Salienta-se, ainda, que os nomes dos entrevistados foram modificados para garantir o anonimato.

Desse modo, num primeiro momento é apresentado um arcabouço teórico que trata da educação, mais precisamente do Ensino Médio, do mundo do trabalho e suas novas conformações. Além disso, uma abordagem acerca do neoliberalismo e suas influências no mundo educacional e do mercado de trabalho. Em seguida, são apresentados os resultados da pesquisa, levando em consideração o perfil socioeconômico dos entrevistados, bem como suas inserções sociais no mundo do trabalho, continuação dos estudos e caminhos percorridos.

O neoliberalismo e seu impacto na educação, no trabalho e nas juventudes

Este trabalho discute sobre o neoliberalismo, levando em consideração o contexto global, partindo das ideias de Harvey (2008), que afirma que o neoliberalismo é uma teoria pautada em práticas político-econômicas, que foi difundido nas sociedades desde o século XX e ainda permanece no século XXI, que propõe o bem-estar social, mas que apresenta uma série de contradições. Ele se consolidou à partir de ideias sedutoras, como a de liberdade individual e da dignidade humana, pois eram valores centrais de civilização.

A neoliberalização, segundo Harvey (2008), redefine as classes até então no poder e passa a dar o lugar das elites militares e judiciárias para os empreendedores de grandes empresas e novos ricos. Assim, surgem novos mercados financeiros, o que contribuiu para o domínio das finanças sobre todas as áreas da economia, bem como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, que são os órgãos responsáveis pela regulação das finanças e o comércio global. Aliado a isso, as propostas neoliberais também passam a ter influência nos campos da educação, da comunicação e da política.

Por sua vez, Michel Foucault (2008), utiliza-se do neoliberalismo alemão e estadunidense para trazer suas ideias acerca da *governamentalidade* que, segundo ele, é uma “arte de governar” ou “racionalidade governamental” que conduz os indivíduos. Segundo esse pensador, o neoliberalismo alemão é uma renovação do liberalismo, onde os indivíduos em sociedade se adaptam à realidade dada, o que o autor irá denominar de *política de moldura*, que tem por objetivo orientar as condutas dos indivíduos para que os mesmos passem a agir para o funcionamento do mercado. Neste caso, os indivíduos passam a levar estas questões para as suas escolhas, passando a agir como uma empresa.

Já o neoliberalismo estadunidense, segundo Foucault (2008), tem como reivindicações as mudanças liberais, que fazem com que o Estado passe a se autolimitar pelo liberalismo e o mesmo passa a ser fundador do Estado. O pensador denomina este modelo como de *conduta do sujeito econômico*. Enquanto no modelo alemão os indivíduos se adaptam à realidade, neste caso o indivíduo tem, também, reação, o que faz refletir nas responsabilizações frente aos riscos da vida, o que torna o indivíduo uma empresa de si. Nota-se que, neste caso, existem técnicas comportamentais e, para que os sujeitos passem a se ver como empresas, acabam ultrapassando limites éticos frente a uma ordem neoliberal.

As contribuições de Harvey e Foucault são importantes para compreender o neoliberalismo e suas implicações. Os dois pensadores partem de análises históricas para assim mobilizar os conceitos e as consequências que o projeto neoliberal propõe para a sociedade e, principalmente, para os indivíduos. Ambos os autores, a partir de suas análises acerca do neoliberalismo, apontam como o mesmo beneficia o mercado a partir de linhas de pensamento distintas, uma vez que Harvey mobiliza a concepção da liberdade individual e dignidade humana e Foucault a lógica concorrencial.

Segundo Laval (2020), com base nas ideias de Foucault, o mercado se torna um espaço normativo

de racionalidade com uma face ideológica, que naturaliza o estado, e outra política, pois cria condições econômicas e jurídicas para que o mercado funcione plenamente. Esta lógica contribui para pensar o que Foucault (2008) desenvolve acerca de capital humano à partir das ideias iniciais de Gary Becker. O pensador acredita que a economia clássica deve avançar o pensamento acerca do trabalhador e entende-o enquanto um capital humano que não deve ser visto apenas como uma renda. Nesse sentido, o autor aborda que o trabalhador não vende apenas a sua força de trabalho, mas também é um investidor de si mesmo.

Brown (2019) auxilia para pensar sobre a discussão entre os autores alegando que Harvey, a partir de uma abordagem neomarxista, tem como foco as instituições e as relações de causa e efeito da economia. Já a abordagem de Foucault contribui mais para pensar nos efeitos do neoliberalismo enquanto forma de governar, assim o enfoque da abordagem foucaultiana pensa nos princípios que orientam o Estado, a sociedade e os sujeitos, mas não pensa nos poderes do capital que o neoliberalismo fortifica, como na abordagem neomarxista.

Todos esses autores contribuíram para pensar como o neoliberalismo se ampliou no mundo, quais são as suas bases conceituais, bem como a sua influência direta com o capitalismo, tendo em vista que andam juntos. Para Dardot e Laval (2016) o neoliberalismo não se resume apenas à lógica do mercado como, também, pode ser uma ideologia ou uma política que interfere na vida dos indivíduos. Os autores contribuem, principalmente, para pensar o neoliberalismo enquanto uma norma de vida.

Outro aspecto abordado no estudo foi sobre a influência do neoliberalismo na América Latina e no Brasil. Gago (2018) alega que o neoliberalismo na América Latina foi instaurado por uma série de reformas e regimes autoritários, que ela considera como “de cima para baixo”, e isso alterou a fisionomia do continente que serviu de experimento para várias mudanças desde a década de 1970, como as privatizações, redução de proteções sociais, desregulação financeira, flexibilidade do trabalho, entre outras.

Segundo Martins e Neves (2015), o Brasil adotou as ideias do neoliberalismo de maneira tardia, comparado a outros países, mas, também, difundiu um projeto político mundialmente consagrado de um capitalismo neoliberal de face humanizada. Este modelo, então, foi incorporado nas práticas econômicas, políticas e culturais do país, bem como na educação, que é o interesse em questão deste estudo.

A influência do neoliberalismo na educação acontece em vários países do mundo, como aponta Laval (2004), que observou que no continente europeu este modelo não garante a todos os seus membros direito à cultura. A educação funciona como estratégia vinculada aos interesses das empresas, que a utilizam como ferramenta de preparação de mão de obra. Dessa forma, a instituição escolar parece existir para fornecer às empresas o capital humano de que necessitam. É característica deste capital humano tornar as pessoas competitivas. Assim, Laval (2004) desenvolve em sua tese que o mundo das empresas já se confunde com o mundo das escolas.

Segundo Martins e Neves (2015), nas décadas de 1980 e 1990 houve várias reformas educacionais que visavam ordenar o trabalho educativo com base na formação humana pautada no neoliberalismo. No final dos anos de 1990 e começo dos anos 2000 o Brasil se integra ao programa “Educação para Todos” da Unesco e, mais tarde, no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, tem-se um projeto de educação que reestruturou alguns programas educacionais, aderindo às novas tecnologias, e investiu em colocar jovens e crianças na escola, mas que não deu atenção ao conteúdo que era difundido no ambiente escolar, o que deu lugar às ideias de empreendedorismo e colaboracionismo.

Nesse contexto, o projeto educacional se torna um lugar estratégico no projeto hegemônico das classes dominantes, em busca de se manter detentora das riquezas. Acontece, então, o esforço no sentido de uma qualificação técnica da força de trabalho, com o intuito de colocar a educação na lógica do mercado. Assim, o Brasil passa do projeto de “Educação para Todos” para o projeto “Todos pela Educação”, essa mudança associa a educação à formação para o trabalho. Há incentivo à criação de escolas de tempo integral, com avaliações do ensino em cada ano, buscando aceleração da formação. De tal modo, as classes trabalhadoras são, cada dia mais, inseridas na lógica do neoliberalismo já instalado.

Para contribuir com a discussão do tema proposto, também foi necessário abordar a relação da Educação e Trabalho, considerando o contexto do capitalismo. Esta discussão ajuda na compreensão so-

bre a sociedade capitalista neoliberal, que a educação e o mundo do trabalho estão inseridos. Conforme Bourdieu e Passeron (1975), a educação reproduz a cultura e as estruturas de classe da sociedade e, para que estas reproduções sejam garantidas, é necessário que os homens estabeleçam, também, as relações de produção. Essas reproduções acontecem aliadas aos capitais culturais que são distintos, a partir da bagagem que cada aluno leva à sala de aula como, também, será distribuído conforme a reprodução das relações sociais e de classe em conformidade com uma ideologia dominante.

Por sua vez, Althusser (1980) destaca que a escola colabora para a divisão das classes, uma vez que qualifica o trabalhador em saberes técnicos, relacionado ao manuseio de equipamentos e bons costumes que dizem respeito ao comportamento e consciência de como se comportar. Dessa maneira, o Estado se encarrega de ocasionar a divisão de classes no âmbito da infraestrutura econômica e a escola se incumbe por reproduzir falsas consciências fazendo, assim, com que os indivíduos aceitem suas condições de classe explorada.

Na análise da discussão de Gramsci (2004), observa-se que ele foi capaz de explicar a escola como um mecanismo de reprodução de ideologias dominantes, mas, também, oferece medidas para que isso deixe de acontecer a partir das ideias contra ideológicas. Esses autores, utilizados para discutir sobre educação e trabalho, são importantes pois, segundo Freitag (1980), a política educacional reproduz o capital e as relações de trabalho e de produção que as sustenta. A partir dessa ideia, a autora mostra como as classes dominantes são ágeis ao transformarem a escola nos centros de qualificação da força de trabalho.

Considerando que o Ensino Médio é a etapa de ensino onde os estudantes deste estudo é oriundo, vale destacar um debate acerca do mesmo. Este nível de ensino é considerado a etapa de formação que é alvo de mais disputas e polêmicas, isso porque, segundo Krawczyk (2011), está atrelado à formação profissional e ao acesso ao Ensino Superior. Além disso, como demonstra Castro e Garrossino (2010), ao longo da história diversas frentes ideológicas tiveram o Ensino Médio como interesse, como, por exemplo, as classes dominantes que utilizam do mesmo como estratégia para se manter no poder.

Ao discutir sobre o histórico do Ensino Médio no Brasil, observou-se que a educação continua seguindo os modelos do mercado, e as noções de competências chegam aos currículos do Ensino Médio e passam a ser, também, o método de avaliação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que destina os jovens ao Ensino Superior. Nesse caso, esta etapa de ensino continua com o embate de preparar para o prosseguimento de estudos e habilitar para o exercício de uma profissão técnica.

Analisando a conjuntura política, destaca-se que o Ensino Médio, ao longo do tempo, passou por várias reformas. Elas fazem com que, cada dia mais, a escola entregue uma mão de obra para o mercado de trabalho que esteja preparada para abrir mão dos direitos e se tornar flexível. A última Reforma do Ensino Médio foi aprovada de maneira impositiva e antidemocrática, como se posicionam Corrêa e Garcia (2018), que alegam que o governo não escutou os principais interessados pela educação.

A juventude foi outro aspecto abordado no estudo, destaca-se dele que é importante considerar que a juventude é heterogênea e deve ser analisada conforme sua variedade de contextos e circunstâncias. Conforme Abramovay e Castro (2015), “isso equivale a dizer que as experiências, representações e significados que definem a juventude não são únicos e, portanto, nem todas as pessoas de uma mesma idade percorrem esse período vital da mesma forma, nem atingem tal meta ao mesmo tempo” (p.13).

Outros autores contribuem com este estudo, como Dayrell e Jesus (2016), que pensam os contextos socioeconômicos e as relações das famílias com os estudos e a escola, para compreender os impactos das desigualdades na trajetória escolar da juventude. E, ainda, a contribuição de Fagiani e Previtali (2019) que retrata a influência na formação do jovem trabalhador brasileiro, analisando as desigualdades de renda após a conclusão do ensino médio. Além disso, fez-se uma breve discussão sobre as principais possibilidades de inserção social dos jovens após a formação.

Sendo assim, com esse arcabouço teórico, este trabalho visa contribuir para pensar sobre até que ponto as influências do neoliberalismo na educação dos jovens contribuem para a manutenção das desigualdades existentes no mundo contemporâneo, tomando-se como amostra um recorte de jovens egres-

sos de um Colégio específico. Acreditamos que, a partir desse caso, poderemos pensar a educação de jovens, refletindo tendências identificadas de forma mais geral.

Inserção social de jovens egressos do Ensino Médio e as influências neoliberais

Afim de compreender as influências do neoliberalismo na trajetória de jovens egressos do Ensino Médio, foi traçado, inicialmente, o perfil dos jovens que fizeram parte do estudo. A média de idade dos mesmos é de 19 anos e a maioria reside próximo ao colégio. No que se refere o perfil socioeconômico, são pertencentes às classes baixas, em relação aos dados do IBGE e do “CadÚnico”. Do ponto de vista racial, a maioria dos jovens se autodeclararam negros. Em relação à família foram expostas diferentes conformações como parentais, monoparentais e destaque aos que vivem com os avós.

Os responsáveis pelos jovens, em sua maioria, completaram o Ensino Médio e estão inseridos no mercado de trabalho, possuindo ocupações distintas, mas vale destacar que os pais dos jovens têm maior diversidade de ocupações do que as mães, o que aponta implicações da divisão sexual do trabalho. Pode-se dizer que os egressos da pesquisa são considerados vitoriosos, pois terminaram a última etapa do ensino básico: o ensino médio, tendo em vista a grande exclusão das classes baixas no acesso à educação que se encontram à margem da sociedade, levando em consideração os privilégios das classes médias e altas.

Com relação às percepções dos egressos sobre a formação recebida, de maneira geral, foi observado que eles a associam à profissionalização, sejam elas pelo mercado de trabalho ou continuação dos estudos. Isso ocorre devido à necessidade de independência financeira que os jovens almejam e a posição social que se encontram, como pode ser notado a partir da fala de Nubia:

Hoje em dia no mínimo que você pode ter é a escolaridade completa, no caso é a base o começo de tudo. Acho que não tem muito um porquê concreto. Meus pais sempre me aconselharam a estudar porque hoje em dia é muito difícil você conseguir um emprego sem os estudos. Então segui os conselhos, vi que aquilo era bom pra mim. E graças a Deus me formei (Nubia, 19 anos).

Outros entrevistados associaram a formação com a possibilidade de conseguir um emprego ou com o fato de “ser alguém na vida”, de “chegar em algum lugar” e de “melhorar de vida”. Além disso, é possível observar a influência dos responsáveis para cursar o Ensino Médio, o que pode se referir ao fato de terem concluído o Ensino Médio. O que pode estar relacionado à reprodução, tendo em vista que os sujeitos de uma mesma classe, segundo Bourdieu e Passeron (1975), acabam por reproduzir a estrutura de sua classe devido às hierarquias impostas de uma classe para outra.

Esta análise inicial sugere o que alguns autores, como Nascimento (2007) e Castro e Garossino (2010), apontam no que se refere ao caráter propedêutico e profissional do Ensino Médio. Além disso, confirma o quanto a educação continua seguindo as demandas do mercado e proporcionando uma educação profissional, sendo organizada a partir de moldes neoliberais que privilegiam o capital.

Assim, enfatiza-se a necessidade da defesa por uma educação que possibilite aos estudantes ir além do ensino prático, mas também para o despertar de um olhar crítico acerca da sociedade. Por isso, devem ser lançadas, assim, contra-hegemonias, como propõe Gramsci (2004), afim de reduzir as desigualdades e formar indivíduos prontos para se inserir na sociedade como, também, sugere Castro e Garossino (2010), os educadores e alunos devem trabalhar para construir uma escola e uma sociedade para além do capital, que permita a superação da lógica desumanizadora do capital que impregna a vida escolar e cotidiana dos indivíduos.

Nesse sentido, foi possível perceber, também, a forte influência do neoliberalismo no que se refere à formação recebida pelos jovens, bem como isso afeta as subjetividades. Desse modo, os jovens atribuíram para si as responsabilidades que deveriam ser asseguradas pelo Estado através da escola, como o ensino e a estrutura do ambiente escolar. Isso é notado quando são questionados acerca do que acham da escola:

Não tenho o que dizer, até porque quem faz a escola é os alunos. (Dália, 18 anos) (grifos da autora)

Então, o ensino lá é fraco, mas não pelos professores pois eles são ótimos. Mas como segue o ritmo dos alunos que não tem muito interesse, se torna mais difícil até para eles. Baseado em outras escolas que já estudei também públicas o ensino é extremamente fraco. (Odara, 20 anos) (grifos da autora)

O que chama a atenção nas duas falas é a forma como as jovens colocam a responsabilidade da escola, de ser boa ou ruim, nos alunos. Conforme a teoria de Brown (2019), a substituição da política pela governança neoliberal elimina os últimos traços da formulação republicana de cidadania passando a ser um sacrifício cidadão. Ocorre uma diminuição das noções de cidadania que é trocada pelo capital humano responsabilizado. O indivíduo responsabilizado é obrigado a sustentar a si mesmo, com isso passa a se culpabilizar pelas falhas do Estado. Isso corrobora no que a autora irá denominar de cidadania sacrificial, que é reduzida e despida de voz e engajamento político.

A influência da lógica neoliberal também foi percebida quando os egressos afirmaram que o sucesso ou não no Ensino Médio depende do comprometimento do aluno. Isso enfatiza a ideia de dignidade humana que foi abordada com base em Harvey (2008); e o homem empresário de si por meio das ideias de capital humano demonstrados por Foucault (2008). Assim, os jovens demonstraram o discurso empreendedor do esforço próprio, que acarreta na falta de percepção dos direitos, como apontado por Brown (2019) e foi observado como a cidadania sacrificial opera diante da lógica neoliberal, onde incorporam o neoliberalismo enquanto norma de vida, como mostra Dardot e Laval (2016). Dessa forma, o neoliberalismo está presente na formação educacional enquanto política e ideologia que perpassa as subjetividades dos jovens formados.

Vale destacar, ainda, que essa lógica diante do ambiente escolar pode ser neutralizada, tendo em vista que muitos jovens associaram as atividades de esporte, culturais e de lazer enquanto pontos relevantes que a escola oferece. Isso pode ser uma alternativa explorada que enfatiza a necessidade de mecanismos para reduzir a lógica neoliberal que vem sendo imposta no Brasil, como se observa na área da educação, uma vez que as formas de dominação devem ser combatidas afim de apartar e acabar com as desigualdades.

Com relação à inserção dos jovens na sociedade após a formação, dos quatorze jovens entrevistados dez estavam vinculados a alguma ocupação, dois estudavam e trabalhavam, dois apenas estudavam e dois não estudavam e não trabalhavam. Levando em consideração os dez jovens com ocupação, apenas duas são formais (auxiliar de pizzaiolo e jogador de futebol da categoria de base), ou seja, têm carteira assinada ou contrato. As outras ocupações foram consideradas informais, por não assegurar alguns dos direitos básicos do trabalhador e por representarem ocupações flexibilizadas, segundo Antunes (2020a).

As ocupações informais foram classificadas em três categorias: doméstico e cuidado (trabalho em casa e cuidado de crianças), ajudantes (pedreiro, caminhoneiro, instalador de refrigeradores) e autônomos (funcionário de delivery, trancista e funcionário de pet-shop). Isso reflete as instabilidades que o Brasil vem passando com o avanço do neoliberalismo que aprofunda a informalidade no país. Segundo Antunes (2020a), ela vem crescendo com contratos temporários, sem registro em carteira e sob ameaças de desemprego. Assim, a maioria dos entrevistados estavam vinculados ao mercado de trabalho, mas muitos na informalidade, com cargas horárias inconstantes e flexíveis como apontado a partir dos relatos abaixo:

Então, eu sou trancista e trabalho com cabelo afro e normal também, mas a gente trabalha mais com cabelo afro, meu trabalho ele é bem cansativo, a gente fica de 10 a 12 horas em pé,

e a gente faz cabelo, tranças, dreads, penteados e eu trabalho com isso. (Dandara, 18 anos)
Faço tudo, ajudo no setor financeiro, funcionários, compras e estoques. Trabalho o dia inteiro. Literalmente. Até nos meus sonhos (risos). (Odara, 20 anos)
Correria hoje, vitória amanhã, vamo que vamo, agora to fazendo hora descansando um pouquinho daqui a pouco tenho que voltar pro expediente. Trabalhar em supermercado é maior doideira, não para um segundo, só para esse tempinho de lanche mesmo (Risos). (Akin, 20 anos)

Isso vai de encontro com a nova morfologia do trabalho proposta por Antunes (2020a). O crescimento do trabalho informal no Brasil merece atenção diante da lógica neoliberal, tendo em vista a precarização do trabalho e como isso afeta a vida das classes trabalhadoras. Acerca desses resultados, foi observado mais uma vez o quanto ocorre uma reprodução, como aponta Bourdieu e Passeron (1975), diante dos dados sobre os responsáveis legais e os filhos, sendo que a maioria dos pais terminaram o Ensino Médio e os filhos também. Além disso, as ocupações dos egressos no mercado de trabalho foram semelhantes às de seus pais e, assim, continuam reproduzindo o mesmo *habitus*. Como pode ser visto abaixo:

Ajudo meu pai. Ele trabalha numa empresa. Ai aos sábados eu trabalho com ele quando tem, às vezes na casa do vizinho aqui. (Jamil, 18 anos)
Tipo, eu trabalho junto com meu pai, entende? Tipo a gente viaja no mesmo caminhão, daí tipo, a gente vai para onde tem carga, tipo, o valor que dá para ir a gente roda o mês inteiro e no final o valor total que a gente faz a gente tira 16% daquilo que é a comissão do meu pai, para gente. Entende? (Adnan, 19 anos)

É importante compreender como a juventude se organiza para viver e sobreviver frente ao contexto neoliberal, diante da flexibilidade. A estrutura que vivemos é marcada pelas desigualdades advindas da divisão do trabalho, como aludidas por Marx (2008), onde as classes dominantes, que representam a minoria, detêm maior capital e bens, com isso as classes dominadas precisam utilizar de estratégias frente ao contexto imposto. Nesse sentido, a fala abaixo aponta algumas dessas estratégias:

Então, aqui no meu trabalho começamos eu minha mãe e minha irmã e depois a gente teve, agora tem mais pessoas né, eu, minha mãe, minha irmã e meu namorado, também minha avó trabalhava com a gente. E a gente funciona democraticamente mesmo, tudo que a gente vai fazer a gente conversa e não tem uma pessoa chefe, mas minha mãe é como se fosse uma pessoa que lidera, entendeu? Que compartilha com a gente “ó, vou querer fazer isso, isso e isso”, e ai a gente vê assim até na parte da contabilidade, de colocar mais alguém, comprar material, a gente faz tudo isso conversando (Dandara, 18 anos).

Isso reflete a necessidade de pensar o neoliberalismo “de baixo para cima” proposto por Gago (2018), onde ocorrem formas de resistência frente ao neoliberalismo, à partir de afetividade coletiva das relações existentes que fogem à regra do cálculo. Percebe-se isso na fala de Dandara, sobre a maneira como funciona o empreendimento que trabalha de forma consensual e democrática. É importante salientar que Dandara é trancista e a prática de trançar cabelos pode ser considerada uma “economia barroca”, conforme Gago (2018), uma vez que se tornam lógicas incompatíveis com teorias econômicas, dessa forma é necessário pensar o neoliberalismo para além de uma perspectiva homogênea.

Observa-se que as rotinas mais flexíveis são as dos egressos que estudam e trabalham ao mesmo tempo. Levando em consideração que o Ensino Médio é a última etapa de formação, quatro egressos deram continuidade nos estudos, destes dois apenas estudam e os outros dois estudam e trabalham. Além disso, também foram destacadas outras duas classificações: egressos que pretendem dar sequência aos estudos, totalizando seis, e quatro que não desejam dar continuidade nos estudos.

Destaca-se assim, que o número de egressos que acessaram o ensino superior é muito pequeno diante da amostra apresentada, o que pode revelar a desigualdade de acesso a esta etapa de ensino. Isso pode estar relacionado com o histórico do ensino superior no Brasil, que nos anos de 1970, segundo Picanço (2016), teve uma experiência perversa com os vestibulares, uma vez que o investimento nos níveis

primário e secundário da educação básica pública era bem escasso. Por sua vez, as instituições privadas sempre estiveram mais bem preparadas para o preenchimento das vagas de seleção dos vestibulares.

Outros egressos demonstraram interesse em dar continuidade nos estudos, mas foi alegado que “o local que eu conseguir um desconto está ótimo” e, quando questionados acerca das instituições públicas, um dos relatos foi “vou procurar saber, mas lá é difícil demais de passar”. Outros jovens nem sequer conhecimento tinham acerca das três instituições públicas existentes na cidade.

O que demonstra a necessidade de ampliação do acesso à informação e ao aumento das políticas de acesso a esta etapa de ensino, para que as mesmas continuem no processo de democratização e deixem de ser um espaço apenas destinado às elites do país. Além disso, tendo em vista o recorte racial encontrado na pesquisa, é importante analisar como a desigualdade racial afeta a juventude, uma vez que o mercado de trabalho e o acesso ao ensino superior sempre foi uma problemática para os negros no Brasil, tendo em vista a dívida histórica para com os mesmos, devido à escravização que é sentida até os dias atuais, como o racismo estrutural.

Nota-se que os negros sempre estiveram associados aos trabalhos precários no Brasil, é uma das consequências do período de escravidão e seus desdobramentos. Além disso, foram necessárias políticas de inclusão desta população, como a ação afirmativa, tendo como exemplo a “Lei de Cotas” que tem o objetivo de reduzir as desigualdades. Essa política pública deve ser ampliada, pois este estudo corrobora com essa afirmação, uma vez que os resultados demonstram um perfil de jovens que ainda estão à margem das instituições públicas de ensino superior.

Acerca dos egressos que não desejam dar continuidade nos estudos, dois querem seguir suas respectivas ocupações, outros dois não estudam e não trabalham. Assim, a pesquisa apontou, ainda, a terceira possibilidade, que se refere à condição “Nem-Nem”, apontada por Cardoso (2013). Segundo esse autor, a taxa de jovens que não estudam e não trabalham tem aumentado no Brasil.

Isso está relacionado às variáveis de contexto, como: sexo, cor, escolaridade, bem como as condições sociais do município, do mercado de trabalho e da oferta escolar. Assim sendo, a partir dos 18 anos é a idade que mais existe recorrência de jovens “Nem Nem”, conforme o autor, pois terminam a etapa do Ensino Médio e os jovens não buscam se inserir no mercado de trabalho ou na continuação dos estudos.

De todos os entrevistados, os egressos que não estudam e não trabalham foram os que menos apresentaram um planejamento para as próximas etapas da vida, além de se queixarem da falta de emprego. A situação de apatia e de não pertencimento pode ser motivada por vários fatores, um deles seria a condição sobrando dos indivíduos que são excluídos, como se não contribuíssem para a coesão da sociedade, segundo Castel (1998). Isso pode estar relacionado ao que ele denomina de “desfiliação social”. Vale destacar, que o que acomete e incomoda os jovens que se encontram na situação “Nem Nem” é a independência financeira, como relata um deles:

Tipo eu gosto muito de sair e ficar pegando dinheiro com meus pais não é maneiro. Aí, prefiro ficar trancado em casa sozinho então se vier um emprego direito eu aceito (Abebe, 20 anos).

Essa condição traz angústia ao entrevistado, provocada pela exclusão social do mercado e do ambiente educacional, que promovem uma interiorização de uma imagem negativa, desmoralizante, carregada de sentimento de inferioridade. Segundo Dias, Bulgacov e Camargo (2007) apud Santos e Scopinho (2011), “estar desempregado é não ter utilidade, não ter lugar para ser, é ser um peso para a família, um não ser” (p.28).

Com base no contexto em que o estudo foi realizado, no período pandêmico, observou-se que esta conjuntura afeta ainda mais as classes baixas, tendo em vista que vivem em situação de vulnerabilidade e não puderam parar de trabalhar para sobreviver. Assim, identificou-se que para muitos entrevistados a rotina de trabalho não foi afetada pela pandemia, como nos exemplos abaixo:

Estranho porque tenho que ficar de máscara direto. Mais eu to de boa, continua tudo normal porque preciso ter dinheiro né. (Omar, 19 anos)

A gente não conseguiu parar porque é o que sustenta a casa, então a gente diminuiu o fluxo de pessoas dentro do salão, atendeu menos porém, a procura foi maior. (Dandara, 18 anos)

Tudo continua a mesma coisa, graças a Deus não atrapalhou em nada! Continuo trabalhando! (Daren, 22 anos)

Seguindo uma lógica neoliberal não existe tempo a perder. Normalizar a pandemia para estes jovens não significa dar às costas, como fez o presidente Bolsonaro ao se posicionar frente ao combate ao coronavírus, uma vez que estes jovens estão acometidos pelas ideias neoliberais perversas, onde culpam a si mesmos, ou até mesmo a Deus, se algo der errado, mas falta consciência de classe para compreender que a perversidade do capitalismo que os afetam, conforme expõe Antunes (2020b).

Em contrapartida, alguns interlocutores apontaram o que muito autores haviam alegado, como Almeida (2021), o forte desemprego e as dificuldades que a pandemia trouxe no que se refere à mudança de rotina das pessoas. Como nos relatos abaixo:

Atrapalhou todas minhas expectativas de estudar, eu tinha muitas metas e todas foram por água abaixo. (Luedji, 19 anos)

Era pra mim ter entrado num curso agora né de barbeiro. Mas essa pandemia acabou com a graça. (Jamil, 18 anos)

Como eu tinha te dito, minha vida está estagnada, devido a pandemia não consegui pegar nem meu diploma nem meu certificado. Única coisa que mudou é que agora estou totalmente parado. (Abebe, 19 anos)

Isso demonstra o quanto a pandemia interrompeu os planejamentos dos jovens, tendo em vista que intensificou o contexto de crise que o país vivenciava, a pandemia da COVID19, também ilustra a realidade colocada por Antunes (2020b) que destaca que nessa crise estrutural a pandemia afeta, principalmente, um recorte de classe, gênero e raça específico e que, por trás de uma ideia de que “todos estamos juntos nessa”, as práticas por parte do governo, no período pandêmico, sugerem motivações mais sombrias como o forte desemprego. Assim, o autor demonstra preocupações com o tempo que isso vai durar, bem como suas consequências.

Vale destacar, que existe um fio condutor entre os entrevistados que normalizaram a pandemia com aqueles que reconheceram seus efeitos, que se refere à condição socioeconômica em que se encontram. Todos eles sofrem pelas consequências e descaso por parte do governo frente à crise pandêmica. A preocupação maior destes egressos não se trata do isolamento social e sim o fato de ter os sonhos e planejamentos interrompidos, bem como as condições de sobrevivência.

Levando em consideração o perfil socioeconômico e o relato dos jovens entrevistados, é notado como as cobranças são mais árduas. À partir desse quadro, é preciso que se assegure políticas para os grupos com maior vulnerabilidade socioeconômica, para que possam construir suas identidades com menores dificuldades, para que consigam avançar nos estudos para se tornarem cidadãos mais críticos e conscientes da sua realidade e, em consequência, para conseguir melhores colocações profissionais para deixarem de reproduzir as lógicas do capital. É urgente a necessidade de continuar lutando por uma educação para além do capital.

Considerações Finais

O estudo contribuiu para refletir sobre a influência do neoliberalismo na política do ensino médio,

especificamente nas consequências desta etapa de ensino na vida da juventude, principalmente porque esta fase da vida é marcada pelas diferenças de contexto que os jovens estão incluídos. Desse modo, para os jovens de classes baixas e que em sua maioria são negros, a educação precisa ser mais do que de reprodução mas, sim, libertadora, para que ascendam em suas inserções sociais e deixem de ocupar lugares periféricos na sociedade.

Portanto, este estudo mostra que ocorre a internalização de lugares e papéis sociais reservados aos jovens entrevistados, pois, de fato, encontram-se em ocupações periféricas, no contexto do capitalismo, como em ocupações informais e cargas horárias flexibilizadas. Além disso, foi notado uma pequena parcela de estudantes que seguem estudando e poucos com planejamentos concretos de seguirem se profissionalizando através do estudo. Isso ocorre de maneira inconsciente e, pode-se dizer, por influências do neoliberalismo que opera enquanto política e ideologia. Por fim, os egressos acabam por buscar alternativas mais viáveis adaptando-se e reproduzindo a condição de seus responsáveis legais.

A pesquisa com jovens que estudaram no Ensino Médio trouxe dados que podem ser levados em consideração para refletir sobre a necessidade de melhorias das políticas e da realidade das juventudes. Contudo, é importante que mais trabalhos como esse sejam desenvolvidos para reforçar e ampliar estas análises, bem como a necessidade de serem aprofundadas, articulando-se a outras ferramentas metodológicas e dados possíveis.

Este trabalho contribuiu para pensar de que maneira o capitalismo se reinventa e intensifica, principalmente em governos ultraconservadores e autoritários, como na conjuntura recente do país, em que as possibilidades de redução das desigualdades, principalmente educacionais, tornam-se ainda mais distantes e utópicas para uma parcela da sociedade. Entretanto, não se deve descartar o papel exercido pelas lutas históricas em defesa de um projeto de educação alternativo em conjunturas semelhantes a essa. É nesse contexto de resistência que se insere este trabalho, em busca de uma educação transformadora e contra hegemônica.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. CASTRO, Mary. Ser Jovem no Brasil Hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. **Cadernos Adenauer XVI**, v. s/n, n.1, p.13-25, 2015.

ALMEIDA, Érica. A pandemia em contexto de vulnerabilidade socioeconômica: algumas considerações sobre Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil. **Vértices**, Campos dos Goitacazes, v.23, n.1, p.325-350, 2021. Disponível em: <<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/15871>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: O trabalho sobre o fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020b.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 2ªed. São Paulo: Boitempo, 2020a.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Tradução: Francisco Alves. Rio de Janeiro. 1975.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.

CARDOSO, Adalberto. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Caderno CRH**, Salvador, v.26, n68, p.293-314, maio/ago 2013.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTRO, Rosane; GARROSSINO, Silva. O Ensino Médio no Brasil: Trajetória e perspectivas de uma organização politécnica entre educação e trabalho. **Organização e Democracia**, Marília, v.11, n.1, p.91-102, jan/jun. 2010.

CORRÊA, Shirlei; GARCIA, Sandra. Novo Ensino Médio: quem conhece aprova! Aprova? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 604-622, abr./jun.,2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Chirstian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAYRELL, Juarez; JESUS, Rodrigo. Juventude, Ensino Médio e os processos de exclusão escolar. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.3, nº 135, p.407-423, abri-jun 2016.

FAGIANI, Cílson; PREVITALI, Fabiane. O jovem trabalhador no Brasil e a formação para o trabalho precário. In: **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV**: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida: o mosaico da exploração. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no College de France (1978-979). São Paulo: Martins Fortes, 2008.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e sociedade**. 4ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GAGO, Veronica. **A razão neoliberal**: economias barrocas e pragmática popular. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2018.

GRAMSCI, Antonio. Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: **Cadernos do cárcere**: Caderno 12 (1932), vol 2. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do Ensino Médio no Brasil hoje. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n.144, p. 752-769, set. 2011.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Maria Lúza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Planta, 2004.

LAVAL, Christian. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. Tradução de Márcia Pereira Cunha, Nilton Ken Ota. São Paulo: Elefante, 2020.

MARTINS, André Silva; NEVES, Lúcia Maria Wanderley. **Educação básica**: tragédia anunciada? São Paulo: Xamã, 2015.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2008.

NASCIMENTO, Manoel. Ensino Médio no Brasil: determinações históricas. **Publicatio UEPG Ci. Hum**, v.15, n.1, p.77-87, jun. 2007. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/594>>. Acesso em: 16. Dez. 2021.

PICANÇO, Felícia. Juventude e acesso ao ensino superior no Brasil: Onde está o alvo das políticas de ação afirmativa. **Latin American Research Reviw**, vol. 51, v.1.16. 2022.

SANTOS, Elisabete; SCOPINHO, Elisabete. Fora do jogo? Jovens negros no mercado de trabalho. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, p. 26-37, 2011.

Recebido em 16 de outubro de 2022

Aceito em 21 de abril de 2023